

A construção do sentido em práticas referenciais de afásicos

Elisângela Bassi¹

¹Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas
(UNICAMP) Caixa Postal 6045 – 13.083-970 – Campinas – SP - Brasil

lisbassi@yahoo.com.br

Abstract. *This article discusses the pertinence of the referential processes to the analysis of interactive situation that involves the construction of objects-of-discourse. For this discussion is analyzing an episode extracted of the reunions at the Centro de Convivência de Afásicos (CCA/IEL/UNICAMP) between the participant subjects (aphasics and no-aphasics).*

Keywords. *Discursive interaction; reference; objects-of-discourse.*

Resumo. *Este artigo discute aspectos do fenômeno da referenciação em situações interativas que envolvem a construção de objetos-de-discurso. Para essa discussão será analisado um episódio extraído das reuniões realizadas no Centro de Convivência de Afásicos (CCA/IEL/UNICAMP) entre os sujeitos (afásicos e não afásicos) que participaram dele.*

Palavras-chave. *Interação discursiva; referenciação; objetos-de-discurso.*

A proposta deste artigo é a de discutir alguns aspectos do fenômeno da referenciação em situações interlocutivas de sujeitos afásicos e não afásicos que participam do Centro de Convivência de Afásicos (CCA/IEL/UNICAMP). Para tanto, será analisado um episódio extraído da interação entre esses sujeitos durante uma das reuniões do Centro.

O tratamento interativo-discursivo da referenciação tem como pressuposto que este fenômeno trata de uma atividade sócio-cognitiva realizada por sujeitos socialmente atuantes, que constroem conjunta e situacionalmente referentes concebidos nas práticas interlocutivas. Dessa maneira, a linguagem é considerada a partir de suas condições de produção e recepção, integrando-se como parte de atividades mais globais de comunicação. Concerne, neste sentido, a processos, operações e estratégias lingüístico-cognitivos que são constituídos e postos em ação em situações concretas de interação social. Correlatamente o

discurso deixa de ser entendido como uma estrutura acabada e passa a ser abordado no seu próprio processo de planejamento, verbalização e construção.

Segundo Koch & Marcuschi (1998) e Koch (2002), a referenciação e a progressão referencial consistem na construção e reconstrução de objetos-de-discurso. A referenciação constitui uma atividade discursiva em que os processos de referenciação são escolhas que o sujeito faz em função de um querer-dizer e os objetos-de-discurso (re)constróem-se no processo de interação: *... a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos por meio da interação com o entorno físico, social e cultural.* (Koch, 2002:31). Assim, a referência é um fenômeno que diz respeito às operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve e os objetos a que faz remissão são construídos no discurso, ao mesmo tempo em que é tributário dessa construção.

De acordo com Marcuschi (2001:41), a linguagem *é uma atividade social e cognitiva em contextos historicamente delineados e interativamente construídos*, é uma atividade colaborativa. Seguindo a mesma trilha, Mondada e Dubois (2003) afirmam que a referenciação é concebida como uma construção colaborativa de objetos-de-discurso, ou seja, a existência dos objetos é estabelecida discursivamente, nas práticas simbólicas e intersubjetivas. Dito de outra maneira, a referenciação emerge da exibição da distância entre as palavras e as coisas e o discurso explicita essa não-correspondência. O ato de enunciação representa o contexto e as versões intersubjetivas do mundo adequadas a este contexto. Os objetos são construídos através dos processos cognitivos dos sujeitos aplicados ao mundo concebido como um fluxo não contínuo de estímulos. O reconhecimento do objeto se dá *com a construção de categorias flexíveis e instáveis, através dos processos complexos de categorização produzindo as categorias potencialmente memorizadas e lexicalizadas* (Mondada & Dubois, 2003:35).

Na situação interativa, a organização textual e a orientação argumentativa aparecem nos processos de referenciação, interferindo diretamente na construção dos sentidos. É na convicção de que o sujeito lida com o material lingüístico que tem a sua disposição, fazendo escolhas importantes para concretizar a sua proposta de sentido, que o estudo dos

processos de referenciação nas afasias tende a evidenciar as relações intersubjetivas e pragmático-discursivas que ocorrem em um processo de explicitação do sentido. É com base no exposto que a análise de atividades referenciais pode mostrar como os sujeitos afásicos trabalham a relação linguagem – mundo (KOCH, 2004).

Será analisado um dado de afasia com base nessa proposta teórica, cujo objetivo é o de verificar os ganhos heurísticos desse tipo de análise para a compreensão da construção de sentidos na interação discursiva.

Primeiramente, faz-se necessário contextualizar o dado. Assim, o grupo procurava reconhecer e interpretar o sentido de várias expressões idiomáticas a partir de figuras que propunham retratar supostos sentidos literais. As figuras foram projetadas no telão e discutidas uma a uma pelo grupo. A atividade consistia em adivinhar as cenas enunciativas em que cada expressão, ou melhor, cada figura poderia ser empregada. Após discutirem a expressão “marcar touca”, o grupo estava discutindo se iriam ou não ver mais figuras de expressões idiomáticas, quando NS¹ se lembra de uma expressão.

1. NS: //dirigindo-se a EM// por que é... é... barriga dói?
2. EM: ãh?
3. NS: por que barriga dói?
4. //silêncio//
5. EM: por que barriga dói?
6. NS: é
7. //o grupo riu//
8. NS: expressão... expressão
9. HM: a expressão... quando fala... a barriga dói?
10. NS: não...
11. JC: goiaba tem bicho... não é isso?
12. NS: não
13. EM: peraí... você tá falando da expressão?
14. NS: é
15. EM: ...a barriga dói?

- 16.NS: é
- 17.HM: não conheço não
- 18.RN: mas com esse sentido MG... é NS... de marcar touca?
- 19.NS: espera... espera... eu penso... a Teresa... a Teresa
- 20.EM: diga... diga...
- 21.NS: a Teresa mente... falo assim: “você vai ver Teresa um dia barriga dói”
- 22.EM: ah!
- 23.JC: Como é que é?... ela mente?
- 24.EM: ela mente... aí ela tem um castigo futuramente... um dia...
- 25.NS: ...um dia barriga dói
- 26.EM: um dia alguém te pega
- 27.NS: é... sabe por que?... a Teresa mente... a Teresa mente né?... a Teresa mente... eu falo pra ela a barriga dói
- 28.EM: um dia a barriga dói
- 29.JC: //dirigindo-se a NS// você falou pra ela?
- 30.NS: já
- 31.JC: tem a ver com Prometeu acho... (SI) //grupo fala ao mesmo tempo//
- 32.NS: então... que nem... espera... eu penso... eu penso... eu penso Teresa vamo Sumaré... a Teresa não vai... aí eu falo: “Teresa você vai vê... a barriga dói... na minha casa ó... acabô... a barriga dói...”
- 33.JC: você fala isso pra ela?
- 34.NS: é
- 35.JC: um dia Teresa... a barriga dói //repete a expressão para tentar compreender o significado dela//
- 36.EM: como alguma coisa que te vai acontecer...
- 37.FC: um dia a casa cai
- 38.JC: é por aqui tem muitas coisas frágeis //aponta para a sua barriga//
- 39.NS: não... barriga dói... pensa ó //eleva a mão à cabeça//
- 40.EM: é a barriga não dói de fato...
- 41.NS: //concordando com EM// não... não... a barriga dói
- 42.EM: um castigo vai acontecer né?... você mente agora mas um dia...

43.NS: isso... isso...

Seguindo a linha de raciocínio estabelecida teoricamente e considerando os propósitos deste artigo, será seguida aqui uma abordagem textual para a análise do dado.

1- Pode ser observado nas linhas 2 (fala de EM) e 3 (silêncio do grupo) o estranhamento que houve frente à fala de NS. Esse estranhamento inicial foi o que suscitou a construção feita durante toda a interação discursiva.

2- Ao dizer *expressão... expressão* (linha 8), NS demonstra utilizar, em um metadiscurso, uma estratégia metaenunciativa². Nessa demonstração metadiscursiva, NS explicita de que ordem é a sua fala: é da ordem das idéias, do pensamento, estabelecendo, assim, uma orientação argumentativa específica.

3- É possível verificar uma negociação colaborativa de construção entre as linhas 9 e 16. EM, em sua fala (linhas 13 e 15), procura organizar o que até então estava confuso. Para isso, EM retoma duas das falas de NS, aquela em que esclarece estar falando de uma expressão e aquela em que fala qual é essa expressão.

4- Entre as linhas 13 e 16 há um reajuste de referência: há uma negociação entre EM e NS sobre o que vão falar.

5- Na linha 16, RN tenta compreender a fala de NS buscando o sentido imediatamente anterior, que foi o da expressão ‘marcar touca’, discutida, conforme a própria descrição do contexto mostrou, pelo grupo. Nesse caso, RN está aferindo o sentido da expressão procurando um equivalente formulaico.

6- A fala da linha 19 constitui uma tentativa de NS em exemplificar para o grupo aquilo que quer dizer. Foi essa exemplificação que fez com que EM compreendesse a expressão e auxiliasse NS a explicar para o restante do grupo o sentido da expressão ‘a barriga dói’.

7- Para continuar a trilhar o caminho que levaria o grupo a compreender a expressão “a barriga dói”, NS, na linha 21, apresenta uma cena enunciativa, em que explicita o uso no

lugar que a expressão ocupa: você faz a coisa errada e algo te acontece – mostra uma relação de causa e efeito.

8- Entre as linhas 24 e 26, quando EM e NS completam uma a fala da outra buscando ajustar o sentido da expressão, aparece uma nova colaboração para a construção do sentido.

9- Nas linhas 26 e 37, EM e FC fazem uma paráfrase da expressão que também fazia parte do jogo que estava acontecendo. Há uma tentativa de *equivalência* entre as expressões ‘*um dia barriga dói*’, ‘*um dia alguém te pega*’ e ‘*um dia a casa cai*’³.

10- Quando JC diz “tem a ver com Prometeu acho...” (linha 31), faz uma ‘digressão’. Se tomarmos o tópico como minimamente organizado, articulado na seqüência discursiva, estaremos diante de um caso de ‘descontinuidade tópica’ (Jubran *et al*, 1989). Na tentativa de compreender a expressão, JC busca conhecimentos outros que não cabem na discussão daquele momento. Em sua fala imediatamente após a de JC, NS (linha 32), reintroduz o tópico conversacional (“*então*”) e atua na progressão e relevância tópica.

11- Quando JC (linha 38) aponta para a própria barriga para buscar mais uma vez um ajuste do sentido da expressão ‘a barriga dói’, NS rejeita esse tipo de interpretação (linha 39), dizendo e sinalizando que o sentido é de outra ordem: da ordem das idéias, do pensamento. EM explicita o gesto de NS de apontar para a cabeça na linha 40: ‘a barriga não dói de fato’.

12- A construção do sentido da expressão ‘a barriga dói’ se deu de maneira colaborativa durante toda a interação. A confirmação de que o ‘sentido foi atingido’ pode ser apreciado nas falas finais e, mais pontualmente, na última fala de NS (linha 43) que dá o seu aval para o ‘resultado final’ dessa construção.

Como consideração final, vale notar que existe no dado uma construção sócio-interacional a partir das manobras lingüísticas realizadas pelos sujeitos marcados por fatores tais como: intersubjetividade, reconhecimento de intenção, processos meta (reajustes), remissão à memória cultural e discursiva que estão envolvidos nesse processo de construção do sentido. Vale considerar ainda que esse tipo de interpretação sugere que

para se chegar a um ‘entendimento’ não basta o conhecimento metalingüístico e nem mesmo a significação lingüística, mas também o reconhecimento do outro (o interlocutor) e o discurso desse outro (a polifonia). Para dizer nas palavras de Morato: *os sujeitos, ainda que sob o impacto da alteração de aspectos lingüísticos e cognitivos, trabalham sobre e com a linguagem: dessa maneira, eles atuam com processos alternativos disponíveis, selecionados por eles ou pelos seus interlocutores numa situação enunciativa dada e tendo em vista os efeitos de sentido pretendidos* (Morato, 2001:72).

Com isso, pode-se concluir que a construção de sentido produzida pelo episódio selecionado mostra o trabalho lingüístico-cognitivo conjunto e situado na interpretação, além da manipulação de estratégias enunciativas e pragmáticas, como a intertextualidade, a inferenciação e a argumentação. A objetivação do sentido se deu porque a expressão, antes desconhecida, foi conjuntamente construída pelo grupo, numa atividade marcadamente interativa, fundamentada num processo de natureza sócio-cognitiva.

NOTAS:

¹ “Caracterizam o quadro afásico de NS, em termos neurolingüísticos, dificuldades no acesso lexical, expressão verbal do tipo telegráfica, com supressão de palavras funcionais, má seleção de morfemas gramaticais e predominância de substantivos (em detrimento de verbos). Tal quadro caracteriza uma afasia de predomínio expressivo”. (Cazelato, 2003).

² Em outras palavras, tem-se uma reflexão do próprio dizer, uma, segundo Koch (2004) *configuração enunciativa complexa*, já que o “*enunciador duplica-se em autocomentador de suas palavras: trata-se de não-coincidências constitutivas do próprio dizer*” (Koch, 2004: 127).

³ Segundo Cazelato (2003), “*os sujeitos compreendem as expressões (aderem ou estabelecem uma equivalência sobre elas) somente se interpretam os contextos nos quais são produzidas*” (Cazelato, 2003:199)

Bibliografia

CAZELATO, S. E. de O. A interpretação de provérbios equivalentes por afásicos: um estudo enunciativo. (Dissertação de Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

- JUBRAN, C.A.S. *et al.* Organização tópica da conversação. In: *Gramática do Português falado: níveis de análise lingüística*, vol. 2, Campinas: Unicamp, 1996.
- KOCH, I. G. V. & MARCUSCHI, L.A. Processos de referenciação na produção discursiva. *D.E.L.T.A.*, Vol. 14, nº especial, p.169-190, 1998.
- KOCH, I.G.V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____ *Introdução à Lingüística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MARCUSCHI, L.A. Atos de referenciação na interação face a face. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, (41): 37-54, Jul./Dez., Campinas, 2001.
- MONDADA, L. & DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma Abordagem dos processos de referenciação. In CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. *Referenciação*. Clássicos da Lingüística 1, São Paulo, Contexto: 2003.
- MORATO, E. M. (In) Determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a Inclinação anti-referencialista dos processos enunciativos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, (41): 55-74, Jul./Dez, 2001.